

Ciência a favor da vida

Quais são e como são vistos por especialistas os novos métodos de terapia para o câncer de mama. Mulheres curadas compartilham histórias de superação

POR DANIELE FELIX*

Nos últimos anos, a forma de lidar com os cânceres, inclusive o de mama, tornaram-se mais precisos, desde o momento do diagnóstico. A busca deixa de ser focada no tamanho do tumor e passa a ser direcionada aos genes, assim, é possível ter um conhecimento maior a respeito das características específicas de cada tumor, tornando viável um tratamento personalizado.

O diagnóstico direcionado não é o único aliado no tratamento. Em paralelo a isso, os laboratórios criam medicamentos que agem diretamente nos genes identificados, possibilitando que a terapia seja guiada e personalizada para cada paciente. “O tratamento do câncer de mama depende das características do tumor, da extensão da doença e das condições de saúde de cada paciente. Além de avaliar o tamanho e a localização, os exames ajudam a entender como as células cancerígenas se comportam e quais medicamentos podem agir contra elas”, explica o médico oncologista clínico Márcio Almeida Paes.

Acompanhando os novos métodos, o Sistema Único de Saúde (SUS) passa a ofertar, a partir deste mês de outubro, o medicamento abemaciclib, destinado ao tratamento de câncer de mama precoce (RH+, Her2-, linfonodo+) e também para casos avançados e metastático. O preço da caixa com 30 comprimidos pode chegar a R\$ 15 mil. A iniciativa do Ministério da Saúde acompanha outros oito medicamentos para o tratamento e prevenção de tipos de cânceres variados.

Essas mudanças na forma de lidar com o tumor ocorreram porque a medicina passou a compreender que o câncer de mama é uma doença com diversos subtipos, que precisam de tratamentos específicos, dependendo da resposta de cada variação. “Atualmente, utilizamos exames como o imuno-histoquímico, testes genéticos e, em situações específicas, testes genômicos para identificar as características

do tumor e definir a melhor estratégia terapêutica”, reforça o oncologista.

Márcio destaca que esse tipo de abordagem permite que as pacientes, muitas vezes, não precisem passar pela quimioterapia, mas com as mesmas chances de cura. Além disso, abre caminho para cirurgias mais conservadoras. “O grande objetivo da oncologia moderna é oferecer o tratamento necessário para cada paciente, evitando tanto o excesso quanto a insuficiência terapêutica”, resume.

Técnicas menos invasivas

Patrícia Schorn, oncologista clínica e coordenadora do Centro de Oncologia do Hospital Santa Lúcia, explica como funciona a aplicação da terapia e dos ativos que combatem o tumor. “A tecnologia inclui anticorpos monoclonais associados a drogas tóxicas, que a gente chama de anticorpos conjugados.” A médica explica que os anticorpos são formados por duas estruturas em uma só. Parte da estrutura serve para identificar o alvo, a célula com câncer, e, após a identificação, a outra parte carrega a droga tóxica para a célula, que é invadida pelo anticorpo. Dessa forma, o tratamento fica mais preciso e selecionado. A especialista cita também as terapias-alvo, medicamentos orais que inibem estruturas como enzimas específicas de determinados tumores, forçando-os a regredir de forma expressiva.

As soluções cirúrgicas para cânceres em fases mais avançadas também se tornaram menos agressivas. Segundo Patrícia, a técnica de esvaziamento axilar, cirurgia que consiste na remoção de todos ou quase todos os linfonodos das axilas, podendo causar linfedema e a perda da funcionalidade do braço, tem sido substituída pela do linfonodo sentinela, que consiste em identificar se o tumor comprometeu ou não o sistema linfático.

Existem também as cirurgias robóticas. Apesar de serem menos invasivas, com incisões menores, porém, não são recomendadas para todos os perfis de pacientes, como nos casos de mamas muito pequenas. “Observa-se uma técnica cirúrgica um pouco mais enxuta, mas ainda não substitui a cirurgia convencional. Os benefícios ainda não são tão importantes a ponto de trazer uma substituição, mas são modalidades que fazem uma intervenção um pouco menor”, explica a especialista.

Baby se aposentou por invalidez após passar pelo câncer



Fotos: Tainá Frota

O mastologista do Hospital Santa Lúcia Mauro Passos destaca o impacto positivo que os novos tratamentos têm nas pacientes. “Os principais benefícios são a conversão de doentes inicialmente candidatas à mastectomia em candidatas à cirurgia conservadora, redução do volume de tecido mamário ressecado; possibilidade de individualizar a abordagem axilar após a resposta ao tratamento e a avaliação da resposta patológica que fornece informações prognósticas importantíssimas e pode orientar a terapia complementar”.

O médico afirma que as mudanças progressivas no tratamento do câncer chegaram a um lugar de poder reconstruir a mama em casos de mastectomia e até de conservar o formato após cirurgias de retirada do tumor.

Apoio da família

Belisaria Gomes, conhecida como Baby, aposentada de 57 anos, recebeu o diagnóstico de câncer de mama em 2017, enquanto trabalhava no Hospital